

# B C O R E O G R A F A N D O

# BENJAMIN

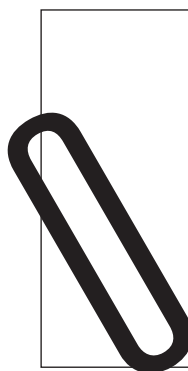


WERNER HEIDERMANN

## WERNER HEIDERMANN

é professor adjunto da Universidade Federal de Santa Catarina e trabalha com teoria da tradução no Curso de Pós-graduação em Lingüística.

*Walter Benjamin – Tradução e Melancolia*, de Susana Kampff Lages, São Paulo, Edusp, 2002.



trabalho de Susana Kampff Lages, nascido de sua dissertação na PUC de São Paulo no ano de 1996 (aliás, com os termos em ordem inversa: *Melancolia e Tradução: Walter Benjamin e “A Tarefa do Tradutor”*), resultou numa ex-

celente análise filológica. Em que consiste essa excelência? Consiste numa combinação quase artística das leituras obrigatórias com uma abordagem própria bastante criativa.

Essencialmente, para essa interpretação, o que une os dois termos, *tradução e melancolia*, é a seguinte analogia: “No limite, os riscos e o desejo último do tradutor assemelham-se aos riscos e ao desejo do melancólico: perder-se na multiplicidade infinita dos sentidos das línguas; abismar-se no vazio do sem-sentido – para, enfim, fazer confluir todos os sentidos no silêncio definitivo da morte”.

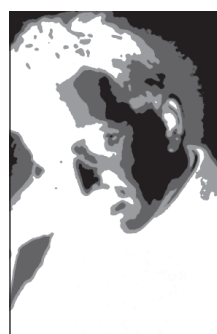
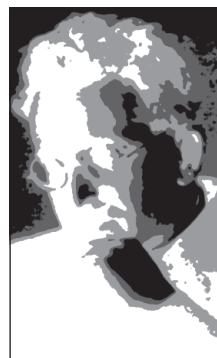
Susana parte de uma análise minuciosa da gravura “Melencolia I” de Albrecht Dürer (1471-1528), obra que Heinrich Wölfflin já em 1923 denominava um “campo de batalha das interpretações” (“*Tummelplatz der*

*Deutungen*” em alemão). Pois bem, a autora se arrisca nesse campo de batalhas e procura responder como a “Melencolia I” poderia ser contextualizada na obra completa de Dürer, na qual uma “Melencolia II” e uma “Melencolia III” não existem explicitamente mas somente em hipótese, ou seja, sob outros títulos. Parece-me interessante acrescentar nesse ponto uma interpretação do mesmo Wölfflin segundo a qual o “I” não corresponde ao algarismo romano, mas à letra “I”, de “ire”: “Melencolia I”, então, no sentido de “Melancolia, vá!”.

Susana aproxima-se gradativamente de Walter Benjamin, e só passa a falar dele de fato a partir da página 99 e a tratar do seu ensaio “A Tarefa do Tradutor” à página 161. Contudo, isso não significa nenhuma desproporção; a estrutura do livro e sua coreografia são brilhantes. É especialmente fascinante como as idéias da teoria da tradução não são apresentadas de forma enumerada, como de costume, mas são desenvolvidas de maneira refinada, postas em relação mútua, ordenadas histórica e humanisticamente e por fim resumidas: “[...] as visões tradicionais do tradutor e da tradução tendem a oscilar da impotência mais resignada a um ideal de onipotência sobre-humana. Essa oscilação entre um momento melancólico, triste, depressivo, e um momento entusiasta, triunfante, maníaco, na reflexão sobre o ato de traduzir é índice do caráter extremamente ambivalente das posições defendidas por muitos dos teóricos da tradução”.

Susana Kampff Lages descreve a melancolia como uma consequência inevitável das perdas na tradução. Mas ela não pára nessa descrição, muito pelo contrário, mostra as chances de uma emancipação que se encontram “numa estratégia de superação ou, pelo menos, de elaboração, da própria idéia de impossibilidade ou perda, ou seja, armam em seu texto uma defesa contra a melancolia”.

A autora reporta-se a quatro interpretações do ensaio de Benjamin, respectivamente, as de Paul de Man, Jacques Derrida, Haroldo de Campos e Jeanne-Marie Gagnebin. A ambigüidade da “*Aufgabe*” em “*Die Aufgabe des Übersetzers*” é conhecida por todos os intérpretes da reflexão benjaminiana – ambigüidade ressaltada primeiramente por Paul de Man. A própria Susana intitulou a sua tradução do ensaio como “A Tarefa – Renúncia do Tradutor”. Antes de tudo, essa ambigüidade é o ponto de partida para um jogo intelectual ao mesmo tempo produtivo e evidentemente legítimo. Benjamin entretanto aponta claramente a “tarefa” no final do texto de maneira não-ambígua: “Redimir na própria a pura língua, exilada na estrangeira, liberar a língua do cativo da obra por meio da recriação – essa é a tarefa do tradutor”. A “pura língua” descreve o objetivo inatingível, sim – mas a consequência de um trabalho que se nega a atingir sua perfeição não é necessariamente a renúncia. Essa colocação de Benjamin tem um forte elemento pragmático e já vem até com uma pro-



Malinconia,  
ilustração do  
livro *Iconologia*,  
de Cesare Ripa,  
1611

posta concreta: a recriação. Assim, conceber “*Aufgabe*” como “renúncia” é uma provocação, o que, no entanto, não impede qualquer tentativa de uma tradução ótima – dentro dos limites de uma língua que não é a pura língua.

A abordagem do livro aqui apresentado é otimista: “[...] pretende-se abertamente ultrapassar as aporias da reflexão tradicional sobre o tema, por meio de uma enfática valorização do tradutor e de seu trabalho”. É a única saída! Por quê? O que vale para a tradução (resignação diante da impossibilidade de perfeição) vale também para qualquer expressão dentro do mesmo sistema lingüístico. Tradução só é um caso específico do dilema: a tentativa de expressão, de comunicação não acontece apenas dentro de uma língua mas entre duas ou mais línguas terrestres, ou seja, línguas distantes da pureza da língua divina. Nenhuma tradução é perfeita, nenhuma expressão é perfeita e nenhum entendimento é

perfeito – mais ainda: qualquer entendimento é um não-entendimento como diz Wilhelm von Humboldt. E mesmo assim vale a pena falar, se expressar, traduzir, vale a pena dar mais um passo em direção à língua inatingível. A alternativa conseqüente ao traduzir não seria deixar de traduzir, mas calar-se.

Muitas vezes, o ensaio de Benjamin soa mesmo enigmático, como Susana Kampff Lages também ressalta. Somente para ilustrar, tomemos como exemplo uma afirmação do início do texto: “A tradução é uma forma”. Lingüisticamente simples, bastante polêmica, porém, no que concerne a uma leitura meramente “formalista”. À medida que aponta o caráter de mistério que permeia “A Tarefa do Tradutor”, a análise fecha o círculo a Dürer: isoladamente descritível, inexplicável em seu todo, interminável, um “campo de batalha das interpretações”. O livro aqui em questão aventura-se tanto quanto possível no campo de batalha. Não o faz contudo através de especulações ariscadas, mas utilizando uma literatura esclarecedora, a fim de atingir um parecer. A riqueza da literatura trabalhada é impressionante e torna *Walter Benjamin – Tradução e Melancolia* um grande exemplo de pesquisa filológica. Comete um grave erro quem se debruça sobre o trabalho multifacetado de Benjamin e renuncia a essa leitura.

Para concluir cumpre-se notar que esse livro, escrito de forma extremamente cuidadosa, recebeu uma merecida criação gráfica. O livro de Susana Kampff Lages, que é professora de língua alemã na Unicamp e tradutora, entre outros, de Benjamin e Kafka, ultrapassa de longe as fronteiras de uma tradutologia freqüentemente reducionista. Trata-se de um compêndio histórico-humanístico e uma referência para todos aqueles que se dedicam à compreensão dos fundamentos teóricos da tradução e da exploração contextualizada da posição de Benjamin. Esse contexto e por conseguinte o espectro extraordinariamente amplo da análise de *Walter Benjamin – Tradução e Melancolia* espelham-se na bibliografia diversificada com sua organização exemplar.

